

# Mário de Andrade – Carnaval carioca

A fonalha estrala em mascarados cheiros silvos  
Bulhas de cor bruta aos trambolhões  
Setins sedas cassas fundidas no riso febril...  
Brasil!  
Rio de Janeiro!  
Queimadas de verão!  
E ao longe, do tição do Corcovado a fumarada das nuvens pelo céu.

Carnaval...  
Minha frieza de paulista  
Policiamentos interiores,  
Temores da exceção...  
E o excesso goitacá pardo selvagem!  
Cafrarias desabaladas  
Ruínas de linhas puras  
Um negro dois brancos três mulatos, despudores...  
O animal desembesta aos botes pinotes desengonços  
No heroísmo do prazer sem máscaras supremo natural.

Tremi de frio nos meus preconceitos eruditos  
Ante o sangue ardendo do povo chiba frêmito e clangor  
Risadas e danças  
Batuques maxixes  
Jeitos de micos piricicas  
Ditos pesados, graça popular...  
Ris? Todos riem...

O indivíduo é caixeiro de armarinho na Gamboa.  
Cama de ferro curta por demais,  
Espelho mentiroso de mascate  
E no cabide roupas lustrosas demais...  
Dança uma joça repinicada

De gestos pinchando ridículos no ar.  
Corpo gordo que nem matrona  
Rebolando embolado nas saias baianas,  
Braço de fora, pelanca pulando no espaço  
E no decote cabeludo cascavéis sacoteando  
Desritmando a forçura dos músculos viris.  
Fantasiou-se de baiana,  
A Baía é boa terra...  
Está feliz.

Entoa atoa a toada safada  
E no escuro da boca banguela  
O halo dos beijos de carmim.  
Vibrações em redor.  
Pinhos gargalhadas assobios  
Mulatos remeleixos e buduns.  
Palmas. Pandeiros – Aí, baiana!  
Baiana do coração!  
Serpentinas que saltam dos autos em monóculos curiosos,  
Este cachorro espavorido  
Guarda-civil indiferente,  
Fiscalizemos as piruetas...  
Então só eu que vi?  
Risos. Tudo aplaude. Tudo canta:  
– Aí, baiana faceira,  
Baiana do coração!  
Ele tinha os beijos sonoros beijando se rindo  
Uma ruga esquecida uma ruga longínqua  
Como esgar duma angústia indistinta ignorante...  
Só eu pude gozá-la.  
E talvez a cama de ferro curta por demais...

Carnaval...  
A baiana se foi na religião do Carnaval  
Como quem cumpre uma promessa.  
Todos cumprem suas promessas de gozar.  
Explodem rancos roucos trilos tchique-tchiques

E o falsete enguia esguia rebejando pelo aquário multicolor  
Cordões de machos mulherizados,  
Ingleses evadidos de pruderie,  
Argentinos mascarando a admiração com desdéns superiores

Desgringolando em lenga-lenga de milonga,  
Polacas de indiscutível índole nagô,  
Yankees fantasiados de norteamericanos...  
Coiozada emproada se aturdindo turtuveando  
Entre os carnavalescos de verdade  
Que pererecam pararacas em derengues meneios cantigas,  
[chinfrim de gozar!

Tem outra raça ainda.  
O mocinho vai fuçando o manacá naturalizado espanhola.  
Ela se deixa bolinar na multidão compacta.  
Por engano.  
Quando aproximam dos policiais  
Como ela é pura conversando com as amigas!  
Pobre do solitário com chapéu caicai nos olhos!  
Naturalmente é um poeta...

Eu mesmo... Eu mesmo, Carnaval...  
Eu te levava uns olhos novos  
Para serem lapidados em mil sensações bonitas,  
Meus lábios murmurejando de comoção assustada  
Haviam de ter puríssimo destino...  
É que sou poeta  
E na banalidade larga dos meus cantos  
Fundir-se-ão de mãos dadas alegrias e tristuras, bens e males,  
Todas as coisas fnitas  
Em rondas aladas sobrenaturais.

Ânsia heróica dos meus sentidos  
Pra acordar o segredo de seres e coisas.  
Eu colho nos dedos as rédeas que param o infrene das vidas,  
Sou o compasso que une todos os compassos  
E com a magia dos meus versos

Criando ambientes longínquos e piedosos  
Transporto em realidades superiores  
A mesquinhez da realidade.  
Eu bailo em poemas, multicolorido!  
Palhaço! Mago! Louco! Juiz! Criancinha!  
Sou dançarino brasileiro!  
Sou dançarino e danço! E nos meus passos conscientes  
Glorifico a verdade das coisas existentes  
Fixando os ecos e as miragens.  
Sou um tupi tangendo um alaúde  
E a trágica mixórdia dos fenômenos terrestres  
Eu celestizo em eurias soberanas,  
Ôh encantamento da Poesia imortal!...

Onde que andou minha missão de poeta, Carnaval?  
Puxou-me a ventania,  
Segundo círculo do Inferno,  
Rajadas de confetes  
Hálitos diabólicos perfumes  
Fazendo relar pelo corpo da gente  
Semíramis Marília Helena Cleópatra e Francesca.  
Milhares de Julietas!  
Domitilas fantasiadas de cow-girls,  
Isoldas de pijamas bem franceses,  
Alsacianas portuguesas holandesas...  
Geografa!  
Êh liberdade! Pagodeira grossa! É bom gozar!  
Levou a breca o destino do poeta,  
Barreei meus lábios com o carmim doce dos dela...  
Teu amor provinha de desejos irritados,  
Irritados como os morros do nascente nas primeiras horas da  
manhã  
Teu beijo era como o grito da araponga.  
Me alumeava atordoava com o golpe estridente viril.  
Teu abraço era como a noite dormida na rede  
Que traz o dia de membros moles mornos de torpor.  
Te possuindo, eu me alimentei com o mel dos guapurus,

Mel ácido, mel que não sacia,  
Mel que dá sede quando as fontes estão muitas léguas além,  
Quando a soalheira é mais desoladora  
E o corpo mais exausto.

Carnaval...

Porém nunca tive intenção de escrever sobre ti...  
Morreu o poeta e um gramofone escravo  
Arranhou discos de sensações...

I

Em baixo do Hotel Avenida em 1923  
Na mais pujante civilização do Brasil  
Os negros sambando em cadência.  
Tão sublime, tão África!  
A mais moça bulcão polido ondulações lentas lentamente  
Com as arrecadas chispando raios glaucos ouro na luz peluda de pó.  
Só as ancas ventre dissolvendo-se em vaivens de ondas em cio.  
Termina se benzendo religiosa talqualmente num ritual.

E o bombo gargalhante de tostões.  
Sincope a graça da danada.

II

Na capota franjada com xale chinês  
Amor curumim abre as asas de ruim papelão.  
Amor abandonou as setas sem prestígio  
E se agarra na cinta fecunda da mãe.  
Vênus Vitoriosa emerge de ondas crespas serpentinas,  
De ondas encapeladas por mexicanos e marqueses cavalgando auto  
perseguidores.  
– Quero ir para casa, mamãe!

Amor com medo dos desejos...

III

O casal jovem rompendo a multidão.

O bando de mascarados de supetão em bofetadas de confetes na mulher.

– Olhe só a boquinha dela!

– Ria um pouco, beleza!

– Come do meu!

O marido esperou (com paciência) que a esposa se desvencilhasse do bando de máscaras

E lá foram rompendo a multidão.

Ela apertava femininamente contra o seio o braço protetor do Esposo.

Do esposo recebido ante a imponência catedrática da Lei

E as bênçãos invisíveis – extraviadas? – do Senhor...

Meu Deus...

Onde que jazem suas atrações?

Pra que lados de fora da Terra

Fugiu a paz das naves religiosas

E a calma boa de rezar ao pé da cruz?

Reboa o batuque.

São priscos risadas

São almas farristas

Aos pinchos e guinchos

Cambateando na noite estival.

Pierrots-fêmeas em calções mais estreitos que as pernas,

Gambiarras iluminadas!

Oblatas de confetes no ar,

Incenso e mirra marca Rodo nacional

Açulam raivas de gozar.

O cabra enverga fraque de cetim verde no esqueleto.

Magro magro asceta de longos jejuns difcílimos.

Jantou gafanhotos.

E gesticula fala canta.

Prédicas de meu Senhor...

Será que vai enumerar teus pecados e anátemas justos?

A boca dele vai florir de bênçãos e perdões...

Porém de que lados de fora da Terra

Falam agora as tuas prédicas?  
Quedê teus padres?  
Quedê teus acerbispos purpurinos?  
Quedele o tempo em que Felipe Neri  
Sem fraque de cetim verde no esqueleto  
Agarrava a contar as parábolas lindas  
De que os padres não se lembram mais?  
Por onde pregam os Sumés de meu Senhor?  
Aqueles a quem deixaste a tua Escola  
Fingem ignorar que gostamos de parábolas lindas,  
E todos nos pusemos sapateando histórias de pecado  
Porque não tinha mais histórias pra escutar...

Senhor! Deus bom, Deus grande sobre a terra e sobre o mar.  
Grande sobre a alegria e o esquecimento humano.  
Vem de novo em nosso rancho, Senhor!  
Tu que inventaste as asas alvinhas dos anjos  
E a fgura batuta de Satanás;  
Tu, tão humilde e imaginoso  
Que permitiste Isis guampuda nos templos do Nilo,  
Que indicaste a bandeira triunfal de Dionísio pros gregos  
E empinaste Tupã sobre os Andes da América...

Aleluia!

Louvemos o Criador com os sons dos saxofones arrastados,  
Louvemo-Lo com os salpicos dos xilofones nítidos!  
Louvemos o Senhor com os riscos dos recorrecos e os estouros  
[do tantã,  
Louvemo-Lo com a instrumentarada crespada do jazz-band!  
Louvemo-Lo com os violões de cordas de tripa e as cordeonas  
[imigrantes,  
Louvemo-Lo com as flautas dos choros mulatos e os  
[cavaquinhos de serestas ambulantes!  
Louvemos O que permanece através das festanças virtuosas e dos  
gozos  
ilegítimos!  
Louvemo-Lo sempre e sobre tudo! Louvemo-Lo com todos os

[instrumentos e todos os ritmos!...

Vem de novo em nosso rancho, Senhor!  
Descobrirei no colo dengoso da Serra do Mar  
Um derrame no verde mais claro do vale,  
Arrebanharei os cordões do carnaval  
E pros carlitos marinheiros gigoletes e arlequins  
Tu contarás de novo com tua voz que é ver o leite  
Essas histórias passadas cheias de bons samaritanos,  
Dessas histórias cotubas em que Madalena atapetava com os  
[cabelos o teu chão...

...pacapacacapão!... pacapão! pão! pão!...

Pão e circo!  
Roma imperial se escarrapacha no anfiteatro da Avenida.  
Os bandos passam coloridos,  
Gesticulam virgens,  
Semivirgens,  
Virgens em todas as frações  
Num desespero de gozar.

Homens soltos  
Mulheres soltas  
Mais duas virgens fuxicando o almofadinha  
Maridos camaradas  
Mães urbanas  
Meninos  
Meninas  
Meninos  
O de dois anos dormindo no colo da mãe...  
– Não me aperte!  
– Desculpe, madama!  
Falsetes em desarmonia  
Coros luzes serpentinas serpentinas  
Matusalém cirandas Breughel  
– Diacho!  
Sambas bumbos guizos serpentinas serpentinas...



E a multidão compacta se aglomera aglutina mastiga em  
[aproveitamento brincadeiras asfixias desejadas delírios  
[sardinhas desmaios  
Serpentias serpentinias coros luzes sons  
E sons!

YAYÁ, FRUTA-DO-CONDE  
CASTANHA-DO-PARÁ!...

Yayá, fruta-do-conde,  
Castanha-do-Pará!...

O préstito passando.

Bandos de clarins em cavalos fogosos.  
Utiaritis aritis assoprando cornetas sagradas.  
Fanfarras fanfarrans  
fenrerrens  
fnfrrins...  
Forrobodó de cuia!  
Vitória sobre a civilização! Que civilização?... É Baco

É Baco num carro feito de ouro e de mulheres  
E dez perelhas de bestas imorais,  
Tudo aplaude guinchos berros,  
E sobre o Etna de loucuras e pólvoras  
Os Tenentes do Diabo.  
Alegorias, críticas, paródias  
Palácios bestas do fundo do mar  
Os aluguéis se elevam...  
Os senhorios exigentes...  
Cães infames! malditos!...

... Eu enxerguei com estes meus olhos que inda a Terra  
há de comer  
Anteontem as duas mulheres se fantasiando de lágrimas  
A mais nova amamentava o esqueletinho.  
Quatro barrigudinhos sem infância,  
Os trastes sem aconchego

No lar-de-todos da rua...  
O Solzão ajudava a apoteose  
Com o despejo das cores e calores...  
Segue o préstimo numa via-láctea de esplendores.  
Preso num palanquim de ônix e pórfiro...  
Ôta, morena boa!  
Os olhos dela têm o verde das florestas,  
Todo um Brasil de escravos banzo sensualismos,  
Índios nus balanceando na terra das tabas,  
Cauim curare cachiri  
Cajás... Ariticuns... Pele de Sol!  
Minha vontade por você serpentinando...

O préstimo se vai.

Os blocos se amontoam me afastando de você...  
Passa a Flor do Abacate,  
Passa o Miséria e Fome, o Ameno Rosedá...  
O préstimo se vai...  
Você também se foi rindo pros outros,  
Senhora dona ingrata  
Coberta de ouro e prata...

Esfuzios de risos...  
Arrancos de metais...  
O schlschlsch monótono das serpentinas...

Monótono das serpentinas...

E a surpresa do fim: Fadiga de gozar.

Claros em torno da gente.  
Bolas de fitas de papel rolando pelo chão.  
Manchas de asfalto.  
Os corpos adquirem de novo as sombras deles.  
Tem lugares no bar.  
As árvores pousam de novo no chão graciosas ordenadas,  
Os palácios começam de novo subindo no céu...

Quatro horas da manhã.  
Nos clubes nas cavernas  
Inda se ondula vagamente no maxixe.  
Os corpos se unem mais.  
Tem cinzas na escuridade indecisa da arraiada.  
Já é quarta-feira no Passeio Público.  
Numa sanha final  
Os varredores carnalizam as brisas da manhã  
Com poeiras perfumadas e cromáticas.  
Peri triste sentou na beira da calçada.  
O carro-chefe dos Democráticos  
Sem a falação do estandarte  
Sem vida, sem mulheres  
Senil buscando o barracão.  
Democraticamente...  
Aurora... Tchim! Um farfalhar de plumas áureas no ar.  
E as montanhas que nem tribos de guaianás em rapinas  
[de luz.

Com seus cocares de penas de tucano.

O poeta se debruça no parapeito de granito.  
A rodelinha de confeti cai do chapéu dele,  
Vai saracotear ainda no samba mole das ondas.

Então o poeta vai deitar.

Lentamente se acalma no país das lembranças  
A invasão furiosa das sensações.  
O poeta sente-se mais seu.  
E puro pelo contato de si mesmo  
Descansa o rosto sobre a mão que escreverá.

Lhe embala o sono  
A barulhada matinal de Guanabara...  
Sinos buzinas cláxsons campainhas  
Apitos de oficinas  
Motores bondes pregões no ar,

Carroças da rua, transatlânticos no mar...  
É a cantiga-de-berço.  
E o poeta dorme.

O poeta dorme sem necessidade de sonhar.

**Mário de Andrade, 50 poemas e um Prefácio interessantíssimo**